

Desvendando as Antigas Civilizações

Distribuição Gratuita



A Desconhecida BABILÔNIA

ATLÂNTIDA

princípio e fim da grande tragédia

Aspectos do ANTIGO EGITO

Desvendando as Antigas Civilizações

“Nem o pobre de espírito, nem o pobre da Terra sabem o que é humildade. Apenas o ser humano muito desenvolvido espiritualmente intui a verdadeira humildade, e por isso pode, no fim, olhar para uma vida realizada!”

Roselis von Sass, *A Desconhecida Babilônia*

Ao longo de milhões de anos o ser humano evoluiu em contato com a Natureza. Foram aprimorados o uso e a confecção de ferramentas e armas para a caça e a coleta, enquanto habilidades de construção se desenvolviam, permitindo a conquista de moradias cada vez mais elaboradas e confortáveis. Na região da Mesopotâmia, situada entre os rios Tigre e Eufrates, técnicas de irrigação foram desenvolvidas e diversos povos puderam usufruir de férteis planícies, construindo sociedades complexas.

Entre incalculáveis legados, como o desenvolvimento da escrita, a matemática e o surgimento de cidades, as antigas civilizações alimentam ainda hoje o mundo com suas histórias, crenças, formas de viver e riqueza interior.

Descobertas arqueológicas elucidaram questões da História Universal antes incompreensíveis e misteriosas. A cidade da Babilônia, por exemplo, citada muitas vezes na Bíblia e também descrita pelo historiador Heródoto (484 a.C.), pôde ser revisitada com as descobertas de Emile Botta, citado no livro *A Desconhecida Babilônia*, de Roselis von Sass. Entre seus achados, o arqueólogo francês “encontrou no sopé de uma colina, em Tello, uma estátua de uma espécie até então desconhecida. Continuando as escavações, encontrou inscrições e os primeiros vestígios visíveis do povo ‘pré-denominado’ sumeriano”.

Em seu livro *A Desconhecida Babilônia*, Roselis von Sass mergulha na riqueza interior do povo sumeriano. Lá vemos que os alunos que frequentavam as escolas dos sábios de Ur – uma das mais poderosas cidades-estado sumerianas – nunca se sentiam sós, pois mantinham uma relação profunda com seus mestres e outros sábios. A escritora traça a linha da História do povo sumeriano, unindo desde a submersa Atlântida até a construção da Grande Pirâmide do Egito. A narrativa, escrita de forma romaneada, aborda os elevados conhecimentos dos sábios da Caldeia, a escrita cuneiforme, as magníficas esculturas, bem como a Torre de Babel e os Jardins Suspensos da Babilônia, uma das sete maravilhas do mundo antigo.

Dentre as mais antigas civilizações, destaca-se ainda a do Egito, abrangendo vasto campo de pesquisa arqueológica. Admirável foi a descoberta do túmulo de Tutancâmon, o *faraó menino*, em 1922, pelo arqueólogo inglês Howard Carter, em escavações feitas no Vale do Nilo, já tão explorado por muitos anos. Considerado um dos maiores achados da História Antiga, o acervo ali existente revelou um insuspeitado mundo cultural e tesouros de valor inestimável. Nessa direção, o livro *Aspectos do Antigo Egito* faz surgir diante dos olhos do leitor um novo Egito, trazendo nomes que o mundo não esqueceu: Tutancâmon, Ramsés, Moisés, Akhenaton, Nefertiti.

Outra cultura antiquíssima, cuja existência não pôde ser comprovada pela Ciência, é a da Atlântida, o reino submerso. Desde que Platão, nos célebres diálogos *Timeu e Crítias*, fez menções sobre a Atlântida, pesquisadores do mundo inteiro dedicam-se ao enigma do continente desaparecido.

Em *Atlântida – princípio e fim da grande tragédia*, Roselis von Sass focaliza os últimos cinquenta anos do País, bem como seus habitantes, o orgulhoso povo dos atlantes. Gurnemanz, o sábio mentor espiritual de todo o reino, advertia o povo, exortando-o a deixar o País, pois previa a catástrofe se aproximando. Grande parte do povo, porém, não quis dar ouvidos às advertências e

preferiu permanecer no local. Foram levados a isso por sua prepotência e suposto saber.

“Então aconteceu o fenômeno abalador do mundo. Uma estrela – ou era uma pequena lua – lançou-se sobre a Terra, soterrando até o último pedaço desse país e o último pico de montanha. A Atlântida não mais existia.

Desaparecera da face da Terra em um dia e uma noite.”

Roselis von Sass,
Atlântida. Princípio e Fim da Grande Tragédia

Seguem trechos dos livros:

A Desconhecida Babilônia

Roselis von Sass

Alparos, o sumeriano, que era escultor e trabalhava também com ervas, considerou um presságio desfavorável ter de voltar à sua cidade natal, Kadinguirra, justamente naquele ano em que a pequena flor de ouro, contendo uma pedra miraculosa, fora roubada. Dizia-se que a roubaram do Templo do Sol. A miraculosa gema era límpida como água, no entanto irradiava as cores do sol.

Dois mercadores de Tilmun, viajando na mesma caravana que Alparos, haviam, com muitas gesticulações e palavras, contado o roubo. Acrescentaram ainda que a rainha de Susa teria sido a autora desse roubo.

Outro mercador sorriu, maliciosamente, fazendo um gesto significativo com a mão:

— A rainha pagã, com certeza, não foi. Esse roubo, sem dúvida, foi determinado pelo novo deus Baal! Os sacerdotes dele reinam agora por toda a parte.

— Por vingança! acrescentou um outro mercador.

— Por vingança? Por quê?

— É o que se ouve, disse o mercador que falara com malícia. Porque o senhor do Sol não quer ter

nenhum dos sacerdotes do sanguinário deus Baal em seus templos!

Alaparos escutara estupefato.

“Roubo num templo?” Não podia se lembrar de algo semelhante, isso jamais acontecera. Olhou pensativamente à sua frente. Os mercadores, observando-o furtivamente, perceberam as sombras que cobriram seu rosto e estavam arrependidos de terem falado sobre o novo deus. O jovem forasteiro vinha das escolas dos sábios de Ur... Contudo, quem poderia saber se não era também um adepto desse Baal?

A cerca de duas horas de caminhada da cidade natal, Alaparos separou-se da caravana. As estranhas novidades que ouvira durante a viagem preocupavam-no de tal forma, que resolveu ir ao encontro dos pais somente no dia seguinte. Até lá seu espírito e seu cérebro reencontrariam o equilíbrio.

Despediu-se do guia da caravana e também dos mercadores, enveredando por um caminho que beirava o riacho. A região era-lhe familiar. Quando criança, muitas vezes, havia colhido as frutinhas pretas e doces das plantas que vicejavam nas margens úmidas do riacho. E ali estava também o pequeno lago dos elfos e, um pouco mais a oeste, elevava-se do solo o antiquíssimo e alto marco de divisa. Nada havia mudado. A natureza permanecia a mesma. Mas ele próprio voltava mudado.

Alaparos ficou parado pensativamente, ao lado do riacho. O que se escondia atrás desse Baal, esse pretense novo deus?

Deus, havia um só! O Eterno invisível. Todos os deuses eram apenas servos Dele. Que deus poderia manter-se ao lado do invisível e elevado Deus-Espírito? Provavelmente se tratava de um dos ídolos dos forasteiros... Alaparos estava aborrecido consigo mesmo. Fazia cinco anos que viajara para Ur, a fim de “aperfeiçoar” sua arte. Pois bem, aprendera muitas coisas, havia trabalhado muito e tinha sido feliz sem sentir quaisquer desejos. Estava com vinte e cinco anos de idade e já pertencia ao círculo externo da irmandade sábia de Ur e Eridu; e o sacerdote-rei, Min-Ani-Pad, era também seu amo e senhor. A chama da alegria e da esperança sempre estivera acesa em seu espírito. E ele julgava-se invencível e forte...

E agora? Como podia acontecer que a conversa de alguns mercadores pudesse tirar-lhe o equilíbrio? Por que os sábios irmãos nada lhe haviam contado? Não era de se supor que nada soubessem sobre Baal! Alaparos encostou-se no velho marco de divisa, refletindo sobre as palavras que os velhos sábios haviam lhe dirigido na despedida. No fundo nada fora dito. Apenas Rassam, o ourives, havia mencionado, com poucas palavras, que os seres humanos, por toda a parte no planeta Terra, estavam afundando num mundo de mentiras. Foi apenas isso. Um mundo de mentiras? Alaparos levantou o olhar para o límpido

céu azul. “Sim, Senhor meu Deus, confesso que meu espírito, apesar do saber que absorvi, é fraco e vulnerável... Tu, sublime Senhor de todos os céus, poderias ter exigido algo mais de mim... Fui vulnerável e fraco... e como me havia julgado sábio...” Alaparos segurava com ambas as mãos o amuleto sobre o peito. Se ao menos pudesse ainda uma vez falar com seu mestre. Apenas uma única pergunta lhe dirigiria...

Aspectos do Antigo Egito

A Vida de Moisés

O sol já se encontrava alto no firmamento. Em verdade, era um pouco tarde para o banho de Juricheo. Devia resguardar-se do sol, conforme desejo expresso do faraó, sempre cuidadoso com o bem-estar da jovem. O Nilo espalhava, porém, aprazível frescor. O local escolhido por Juricheo estava resguardado de possíveis olhares curiosos. Um juncal espesso marginava a água de ambos os lados, deixando apenas um sítio descoberto e era esse recanto que Juricheo visitava sempre. Desceu da liteira e com um gesto ordenou às acompanhantes que permanecessem mais atrás, caminhando em direção ao rio.

Lá chegando, soltou os véus, deixando-os cair ao solo; por momentos quedou-se imóvel, as mãos atrás da cabeça, escutando os leves ruídos a seu

redor. Nisso começou a prestar atenção e, de repente, embrenhou-se por entre o junco. Teve logo certeza de não ter ouvido mal; adiantou-se, ansiosa, curvando os longos talos, mas recuou assustada para um lado, ao perceber um ruído. À sua frente surgiu uma menina de pele escura que a olhava espantada, com os olhos desmesuradamente abertos.

— Quem és tu? indagou Juricheo.

A jovem deixou-se cair a seus pés.

— Oh! princesa, não o mates, deixa-o viver, soluçava ela. Juricheo sacudiu a cabeça.

— Quem? De quem falas afinal?

Logo, porém, silenciou, pois um choro alto saiu do juncal. Tentou dar alguns passos adiante, mas a jovenzinha enlaçou-lhe os joelhos.

— Senhora! implorou angustiada. Juricheo, contrariada, empurrou-a e ordenou:

— Deixa-me!

A jovem, gemendo, ficou de lado.

A filha do faraó rumou ao encontro do choro infantil. Parou, ao deparar com uma cesta que flutuava, pela metade, na água. Com gesto rápido, ergueu a vestimenta e entrou no lodo. Curvou-se sobre o cesto e logo o puxou ao seu encontro. De um salto alcançou o chão firme. Apertava contra o peito o cestinho; havia silêncio dentro dele agora. Juricheo rapidamente afastou os juncos e novamente chegou perto da jovem, a quem, no entanto, nem dispensou atenção. Ela se ajoelhou e abriu o cestinho.

— Oh! exclamou admirada. Dentro havia uma criancinha cujos olhos escuros a miravam. Que linda criatura! murmurou baixinho.

A jovem, mal refeita do susto, ergueu a cabeça admirada. Contudo, não se atreveu a uma aproximação maior. A egípcia estava completamente absorvida na contemplação da criança. Ao olhar a desamparada criaturinha, sentiu o coração tomado de comiseração. Lembrou-se então da jovem e perguntou:

— É teu filho?

— Não. É meu irmão, logo ela continuou, rogando: Deixa-o para mim. Não o mates, princesa!

— Matá-lo? Eu?

— Princesa, todos os recém-nascidos do povo de Israel são trucidados. Também a ele matarão, quando for encontrado!

Juricheo moveu a cabeça, expressando dúvida.

— É bem assim que acontece, princesa, disse a jovem com veemência.

— Como te chamas?

— Míriam, e ele se chama Moisés. A mocinha indicou para o irmão.

— Bem, Míriam, nada acontecerá a Moisés. Eu zelarei pela vida dele. Assustada, Míriam estendeu as mãos para agarrar a criança.

Juricheo segurou o cesto com energia.

— Eu ficarei com ele, Míriam, não tenhas medo; dize a tua mãe que Moisés ficará sob minha prote-

ção. Ela calou-se por um instante, depois continuou: Querendo, poderás vir algumas vezes ao palácio para vê-lo.

Míriam olhou para a filha do faraó fixamente. Seus olhos profundos e precocemente amadurecidos pelo sofrimento, que tinha presenciado desde a mais tenra idade, sondavam as palavras de Juricheo. Esta, enfrentando-lhe o olhar, observou o medo, a desconfiança, depois a tênue esperança e por fim o sorriso que se expandiu no rosto de Míriam. Com um aceno amistoso, a princesa despediu-se da jovem e correu feliz e radiante, com o pequeno achado nos braços, para junto das escravas. Sem dar atenção aos admirados olhares de que era alvo, subiu na liteira.

ATLÂNTIDA

Princípio e Fim da Grande Tragédia

Roselis von Sass

Gurnemanz tinha a impressão de como se o salão, de repente, estivesse povoado de inimigos invisíveis... Incrédulo, olhou para as pessoas que lhe afirmavam que a partida não seria necessária... Será que elas não compreendiam que tudo se modificaria no país?... Os animais silvestres já agora eram impelidos para fora do local em perigo, em direção a

outras regiões... As fontes subterrâneas, decerto, já estavam prestes a secar...

— Sofrereis fome e sede! começou Gurnemanz a esclarecer. Pois no decorrer dos anos, tudo aquilo que as criaturas vivas necessitam para sua existência, será subtraído do país. Vossas safras secarão, ou apodrecerão por excesso de chuvas... também não mais podereis contar com a costumeira ajuda do povo da natureza... Cada gigante, cada anão até agora esteve ao nosso lado, auxiliando... Florestas inteiras secarão com todas as árvores frutíferas... isto ocorrerá quando elas forem abandonadas por suas almas, os elgis... não demorará muito e sentireis a onda de destruição aproximar-se do país...

Gurnemanz sentiu-se profundamente exausto depois de seus esclarecimentos, os quais encontravam pouco eco. Era tão importante que os druidas unanimemente e cheios de confiança seguissem o apelo para deixar o país. O exemplo deles seria a salvação de muitos. Gurnemanz levantou-se e disse concluindo:

— A negação e recusa do inevitável apenas vos priva de forças, tirando-vos a paz. Além disso, conhecereis algo novo: o sentimento do medo! Medo enlouquecedor!

Tristeza e amargura enchiam o coração de Gurnemanz ao levantar-se para deixar o salão. Melhor do que qualquer outro, ele sabia que não havia possibilidade nenhuma de salvar alguém,

quando a própria pessoa assim não o quisesse por si mesma. Ainda totalmente conturbado, pediu a Witu que o acompanhasse; iriam convocar todos os druidas, sem as famílias, para se reunirem no castelo no dia seguinte.

— Reunir-nos-emos no salão real, quando o sol estiver no ponto mais alto.

Por volta das cinco horas da tarde, Gurnemanz, seus dois acompanhantes e a família real estavam sentados na grande sala de jantar, a fim de tomar a refeição principal do dia. Syphax apparecera sem ser convidado, sentando-se ao lado de Brunhild. A refeição, como sempre, foi tomada em silêncio. Apenas Syphax, que parecia não ter fome, já que não tocava na comida, interrompeu o silêncio:

— Tua fama como sábio eu já conheço! dirigiu-se ele a Gurnemanz. Estamos agora só entre nós, e ninguém pode ouvir o que aqui se fala, por isso gostaria que me fossem respondidas algumas perguntas. Tuas profecias sombrias destinavam-se somente a nós, forasteiros, que no decorrer do tempo aqui nos alojamos, ou incluíam, realmente, todo o teu povo também? Antes que me respondas, quero assegurar-te que eu não faria nenhuma objeção se uma parte de vosso presunçoso e vaidoso povo abandonasse o país...

— Cala-te! exclamou Witu, tremendo de ira. Gurnemanz dominou a aversão que sentia por esse homem, respondendo calmamente:

— Eu te considerava mais inteligente... tuas dúvidas, no entanto, provam o contrário. Com a suposição de que eu pudesse enganar o povo, colocas-me no mesmo nível de vossos sacerdotes, magos e bruxas... Profecias ligadas a alterações profundamente incisivas são sempre transmitidas muito antes do tempo. Assim todos podem familiarizar-se com isso, de modo que estejam cientes quando os efeitos do acontecimento se aproximarem... Todo o povo sabe que nosso país chegou a um ponto de maturação onde não há mais nenhum desenvolvimento ulterior. Com o cataclismo, várias espécies de animais, bem como árvores e outras plantas, cujo tempo findou, desaparecerão totalmente da Terra.

Syphax escutava com um sorriso indefinível.

— De quem provém a profecia? perguntou ele. Witu levantou-se de um salto, querendo repreendê-lo. Gurnemanz, porém, colocou a mão sobre o braço dele, acalmando-o e obrigando-o a sentar-se novamente.

— Essa pergunta é justificada, tomando-se em consideração o país de onde nosso visitante veio! observou Gurnemanz. Visto tratar-se de uma região habitada por seres humanos, essa profecia naturalmente nos foi transmitida por espíritos que cuidam do bem-estar dos seres humanos. O momento de um fenômeno natural na Terra é determinado sempre e exclusivamente pelos grandes de Asgard.

Syphax ainda não estava satisfeito. Notou, porém, que a profecia realmente existia. Ainda gos-

taria de saber quando a família real deixaria o castelo. Mas não ousou formular novas perguntas.

Gurnemanz captara exatamente a pergunta não formulada, razão por que disse a Uwid:

— Temos ainda diante de nós cerca de dez anos, durante os quais poderemos permanecer no país. Esse tempo é suficiente para notificar todo o povo de que a profecia realizar-se-á na época determinada.

— Com a tua permissão, viajarei pelos distritos! exclamou Seyfrid para Gurnemanz. Explicarei a situação ao povo, convidando-o a emigrar para a terra nova que já nos aguarda!

— Faz isso, Seyfrid! respondeu Gurnemanz. Eu próprio e mais 24 mensageiros faremos o mesmo. Isto é necessário porque apenas uma parte dos druidas concorda conosco...

Witu também queria sair, mas Gurnemanz desaconselhou-o.

— Fica no castelo, pois suponho que visitantes de toda a parte virão para ouvir tua opinião. A infidelidade dos druidas custará a vida de muitos.

Syphax deixou o salão, para alívio de todos. Estava decepcionado por precisar esperar tanto tempo ainda para executar seus planos. Ao mesmo tempo esse prazo era-lhe conveniente. Para seus planos precisava ainda de muito mais moças e homens... ■

Livros editados pela

ORDEM DO **GRAAL** NA TERRA

Obras de Abdruschin:

NA LUZ DA VERDADE – obra em três volumes
Os Dez Mandamentos e o Pai Nosso
Respostas a Perguntas
Alicerces de Vida

Obras de Roselis von Sass:

A Desconhecida Babilônia
A Grande Pirâmide Revela seu Segredo
A Verdade sobre os Incas
África e seus Mistérios
Atlântida. Princípio e Fim da Grande Tragédia
Fios do Destino Determinam a Vida Humana
Leopoldina. Uma vida pela Independência
O Livro do Juízo Final
O Nascimento da Terra
Os Primeiros Seres Humanos
Profecias e outras Revelações
Revelações Inéditas da História do Brasil
Sabá, o País das Mil Fragrâncias
Tempo de Aprendizado

Lançamentos:

Cassandra. A princesa de Troia
Espiondo pela Fresta

Consulte lista completa em nosso site: www.graal.org.br



Descobertas arqueológicas elucidaram questões da História Universal antes incompreensíveis e misteriosas. A cidade da Babilônia, por exemplo, pôde ser revisitada com as descobertas de Emile Botta. Admirável também foi o achado do túmulo de Tutancâmon, o *faraó menino*, em 1922, pelo arqueólogo inglês Howard Carter.

Outra cultura antiquíssima é a da Atlântida, o reino submerso. Desde que Platão, nos célebres diálogos *Timeu e Crítias*, fez menções sobre a Atlântida, pesquisadores do mundo inteiro dedicam-se ao enigma do continente desaparecido.

Redescubra as antigas civilizações nos livros *A Desconhecida Babilônia, Aspectos do Antigo Egito e Atlântida – princípio e fim da grande tragédia*.